

REESCREVIVÊNCIAS DE MARIA CAROLINA DE JESUS EM *QUARTO DEDESPEJO***REVIEWS OF MARIA CAROLINA DE JESUS IN *QUARTO DE DESPEJO***

Ana Claudia Servilha Martins¹
Lilian Borges Furtado²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as reescrevivências da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Uma mulher negra e favelada, e marca sua individualidade na literária a partir do livro *Quarto de despejo*, publicado em 1960. Partindo das evidências de que a escritora criou uma “poética de resíduos” buscamos compreender como o cenário de misérias vivido por Carolina de Jesus serve de base para suas criações literárias. Dessa maneira, insere-se o viés de que a escritora apoia-se sobre si mesma, (re)construindo suas memórias dadas ao cotidiano das coisas. O leitor ao entrar em contato com a narrativa *Quarto do despejo* (1960) percebe o efeito estético de fuga, bem como, o retorno da dor em sua *reescrevivencia* das próprias lembranças misturadas com as suas experiências e as marcas das violências que permeiam não só os aspectos físicos, mas, também, os simbólicos. Assim, pretende-se contribuir para com os estudos relativos a autora Carolina Maria de Jesus, essa importante voz feminina que encena a vida infausta dos favelados no Brasil.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Carolina Maria de Jesus. Quarto de Despejo.

Abstract: The present work aims to analyze the re-writing of Brazilian writer Carolina Maria de Jesus. A black and slum woman, and marks her individuality in literary from the book *Quarto de despejo*, published in 1960. Based on the evidence that the writer created a “waste poetics”, we seek to understand how the scenario of misery experienced by Carolina de Jesus serves as the basis for his literary creations. In this way, the bias is inserted that the writer supports herself, (re) building her memories given to the everyday of things. When the reader

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Mestra em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Discente no Programa de Estudos Literários nível de Doutorado/PPGEL- UNEMAT, Campus Universitário de Tangará da Serra/MT. E-mail: anaclaudiaservilha@gmail.com

² Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: Andre_lilian@outlook.com

comes into contact with the narrative *Quarto de despejo* (1960), he perceives the aesthetic effect of escape, as well as the return of pain in his re-writing of his own memories mixed with his experiences and the marks of violence that permeate not only physical aspects, but also symbolic ones. Thus, it is intended to contribute to studies related to the author Carolina Maria de Jesus, that important female voice that stages the unfortunate life of the favelados in Brazil.

Keywords: Brazilian Literature. Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo*.



Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carolina_de_Jesus

Carolina Maria de Jesus nasceu no ano de 1914, em Sacramento-Minas Gerais e seus pais eram lavradores. Em 1947, mudou-se para São Paulo, em terras Paulistas não teve empregofixo, assim, vivendo parte de sua vida na favela de Canindé, na Zona Norte de São Paulo, onde trabalhou de doméstica, deixando seu emprego após engravidar de seu primeiro filho. Nessas circunstâncias, Carolina, solteira, mãe de três filhos e sem emprego fixo, passou a catar papel e outros tipos de lixos reaproveitáveis, sendo assim, ao se empenhar mais no mundo literário, a escrita tornou-se válvula de escape para desabafar as desigualdades as quais sofreu durante toda sua vida.

Carolina Maria de Jesus foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que presenciou uma cena em que Carolina discutia com seus vizinhos, ameaçando colocá-los em seu livro. A curiosidade do jornalista tornou o desejo de Carolina possível, Dantas a ajudou na publicação de um dos livros mais conhecidos: *Quarto de despejo*. O livro revisado é o diário sobre suas rotinas e mazelas vividas na favela. Uma das obras de Carolina de Jesus de maior importância e de interesse na América Latina. O diário de Carolina é um clássico em leituras biográficas que abordam questões sociais. Em seus relatos diários, a autora compartilha sua

perspectiva da cidade, da desigualdade que sofre, descreve em detalhes os laços de solidariedade e rivalidade com seus vizinhos, abuso de gênero, violência contra crianças, condições de superlotação e falta de saúde pública.

O romance *Quarto de despejo: Diário de uma Favelada*, lançado em 1960, alcançou notável sucesso editorial e levou Carolina a melhorar de vida, pois mudou-se para uma casa que conseguiu comprar no bairro de Santana e mantém o diário com registros do que lhe acontece ali.

Após sua morte, são editadas obras escritas entre 1963 a 1977, das quais a mais significativa é “*Diário de Bitita*,” com suas memórias de infância e juventude, inicialmente lançado na França foi um sucesso editoria que alcançou mais de um milhão de cópias vendidas superando todos os grandes cânones da Literatura Brasileira.

A obra foi publicada em vários países e traduzida para 13 línguas, sendo bastante lida, ainda hoje, fora do Brasil. Carolina ainda escreveu outros livros, intitulados *O Provérbio* e o livro *Pedaço da fome*, publicado em 1963. Cabe aqui ressaltar que escritora era uma mulher negra, logo não se encaixava nos padrões para elite literária, conseqüentemente o sucesso da escritora foi breve.

Para Meihy (1998), o esquecimento não faz sentido, pois, a forma diferenciada de produção literária de Carolina Maria de Jesus agregaria ainda mais o rol de mulheres na Literatura, principalmente pelo símbolo feminista que a autora poderia representar.

O autor assinala as seguintes afirmações:

Curiosamente, o testemunho daquela mulher que revelou com tanta intimidade as agruras, fica descartado do montante crítico das brasileiras que, de modo geral, insistem em garantir crédito às experiências estrangeiras em vez de olhar o (nosso) próprio lado. (MEIHY, 1998, p.90).

O que o autor destaca é a insistência da literatura brasileira em

desvalorizar a realidade nacional problematizada na literatura escrita por uma mulher negra, na sua forma mais crua e sensível. A narrativa *Quarto de despejo* tem a essência de uma narradora que surge em meio a tantas dificuldades que se destaca em meio a tantas misérias. Causando comoção, mas a responsabilidade que tinha e as condições em que vivia, não contribuíam para se firmar naquele ambiente da elite intelectual. Dessa forma, em virtude da sua não adaptação com a elite intelectual brasileira e o seu breve sucesso, a autora comprou um sítio longe do centro da cidade de São Paulo, onde morou até seus últimos dias de vida.

Os escritos pungentes de Carolina de Jesus revelam uma expressão forte, mais fiel da dura rotina que incomoda e encanta ao mesmo tempo. Sua literatura marca o cotidiano nas ruas de São Paulo em busca dos restos que vão garantir a ela as mínimas condições de vida, para suprir tanto a si como seus filhos. Carolina de Jesus diálogos a linguagem da fome, da escassez, do descarte onde a tensão discursiva e encaminha o leitor a uma poética de resíduos em contraposição às misérias vividas e a momentos que ela fala das valsas vienenses que escutava em seu barraco, muitas vezes há poética na sua própria miséria.

Por exemplo, quando escreve que a “fome é amarela” e que os “favelados são corvos” sobrevivendo aos restos jogado à beira do rio Tietê. A consciência de Carolina demonstra as condições políticas e históricas que a levaram a viver em um quarto de despejo. Logo na primeira página do diário, a escritora explica a metáfora que dá título ao seu livro: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 1960, p. 28).

Carolina de Jesus indaga que o Brasil não possui personalidades aptas para governar o país, ansiando por um governo que se identifique com o povo. Percebe-se que o impacto do livro se deu em grande parte pela originalidade apresentada pela autenticidade do seu testemunho:

Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor e a aflição do pobre. se a maioria se revoltar-se, o que pode fazer a minoria? eu estou ao lado do pobre, que é o braço. O braço desnutrido. Precisamos livra o paiz dos políticos açambarcadores (JESUS, 1960 p.40).

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para minha mãe: - Porque a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem. Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo (JESUS, 1960, p.45).

No particular, trata-se de uma denúncia que tange a fenomenologia da fome onde vários significados que são atribuídos à fome pela autora que vivem sua vida sob a constante ameaça de não ter o “pão nosso de cada dia.” Carolina era uma favelada, porém, muito sábia, além de sua denúncia pela fome e a vida que vivia com seus filhos na favela, a autora denuncia em alguns poemas uma reflexão sobre a reforma agrária, mostrando sempre atenta aos fatos históricos:

11

Em um país igual nosso com terras inesplorada. Onde o pobre diz: não posso viver! E ser uma alma penada! Com tantas terras neste onde o homem nunca penetrou. E o povo vive feliz comendo pão que o diabo amassou. O diabo é o capitalista que só visa enriquecer. Alma medíocre egoísta que deixa o pobre sofrer. com terras para agricultura para abastecer o mundo inteiro. E o povo vive na penura. Nem sei o que pensar do brasileiro. É, que o pobre quer plantar! Mas o pobre não tem terra. Quando o povo começa a reclamar o governo promove uma guerra prefere empurra os nossos filhos para lutar no campo de batalha. Envia esses coitados para o exílio. Mas, não dá terra para o homem que trabalha. (JESUS, 1960, p.56).

Carolina de Jesus narra às coisas esquecidas que são lembradas com necessidade, escrevendo sempre o que deseja rever, gerando uma memória poética e levando o leitor a um passado em movimento com o embelezamento dos encontros com a literatura.

Observa-se em *Quarto do Despejo*, que após narrar uma

empregada diária do seu cotidiano difícil, a escritora seleciona um trecho do poema “A pátria” de Olavo Bilac para parafrasear sua rotina, assim como Casimiro de Abreu, autor bem comentado em sua obra devido ao grande impacto que lhe causou, por ter sido o primeiro poema que ela conheceu.

Todos os
favelados estão/
Magros. É
deficiência
alimentar/Falta
d água. Olhando
aque/

Las crianças raquíticas/pensei nos
versos de Olavo/Bilac/

Criança
ama a
terra
que/
Nacêste/

Não
veras
no
mundo,
Pais
igual a
este

Eu estava
com dez
anos
Quando li
êste
verso//

E concordei
com o
poeta.
Naquela
época não
existia
Favela. Não
existia
fome. Os
preços dos
gêneros de
Primeira

necessidade
era

Ao alcance de todos (BILAC *apud* JESUS, 1960, p. 36).

Além da fome Carolina de Jesus retrata sua indignação com o governo brasileiro, que permitia que grande parte de sua população passasse fome. E ela, a fome, será companheira inseparável de Carolina em seu diário, assunto repetido diversas vezes, quase diariamente, a ponto de concluir: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (JESUS, 1960, p. 26).

No íterim, a literatura de respectiva autora é um projeto literário inadiável, uma conquista possível aos apagamentos e silenciamentos historicamente consolidados contra as identidades negras, afro-descendentes e periféricas. É uma dialética em permanente construção, uma porta de entrada para novas humanidades.

13

Do quarto de despejo à sala de visitas

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1980, p.18), favela é um conjunto de barracos que ocupa um espaço de maneira desordenada, uma área de propriedade alheia que não possui acesso a serviços públicos. As primeiras favelas surgiram no final do século XIX e início do século XX vários fatores levaram a política governamental a eliminar do centro da cidade moradias precárias como os cortiços e enviar os cidadãos de baixa renda para áreas afastadas.

O convívio social de Carolina foi marcado pela inveja do povo da favela que tinha medo de que fossem parar no tão falado livro *Quarto de despejo*, assim Autora ia se socializando em seu quarto por meio da sua escrita. Ali era muito mais fácil de conseguir escrever e criar seu mundo impossível, uma vez que ela pontua que “É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. [...] As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários” (JESUS, 1960, p. 52).

Percebe-se que, para afirmar sua autonomia a personagem mantinha uma posição relativamente isolada em diversos aspectos a começar pela construção familiar vendo que já era mãe solteira de três filhos: José João, João Carlos e Vera Eunice dedicava-se ao cuidado dos filhos, exercia um grande controle sobre eles procurando fazer com que não se envolvesse com outras crianças já que para Carolina a favela é um espaço de reprodução de violências que é vista como um lar desagradável para criar e educar os filhos, educação diferenciada aos filhos, isso era uma das prioridades de Carolina de Jesus que nunca se casou, mesmo diante de várias propostas.

Sobre esse viés a autora disserta: “não casei e não estou descontente. Os que me preferiam eram soezes e as condições que eles me empunham eram horríveis” (JESUS, 1960, p.17).

Às vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são educadas, amáveis. Dias depois usam o calão são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visitas e foram para o quarto de despejo. (JESUS, 1997, p. 39).

O senhor Manoel apareceu dizendo que quer casar comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. Que levanta para escrever. E que deita com o lápis debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver para o meu ideal (JESUS, 1960, p.50)

No entanto, percebemos também que a relação território identidade é muitas vezes conflituosa, ocasionando até mesmo expressivo repúdio pelo mesmo: Carolina rejeitava qualquer ligação emotiva, qualquer traço que a identificasse com a favela. Ao comentar sobre suas frequentes idas para buscar água, a autora afirma ter “pavor destas mulheres da favela” (JESUS, 1960, p. 12).

A autora constrói uma identidade de si e de seu projeto pessoal apresentando reflexões sobre suas experiências, ela vai criando seus

sentidos sobre suas experiências temporal as transformando em possíveis possibilidades futuras através do espaço de experiências e horizonte de expectativa. Dessa forma Rusen vincula o saber histórico à necessidade de orientação de vida prática. Isto é, reconhece que o elemento tem um peso fundamental nas formas de agir e intervir na realidade, em como na construção das identidades (RUSEN, 2007, P.103).

Os trechos a seguir apresentam algumas dessas fortes características, ao repúdio de Carolina:

Depois que a favela superlotou-se de nortistas tem mais intriga. Mais polemica e mais distrações. A favela ficou quente igual a pimenta. Fiquei na rua até nove horas pra prestar atenção nos movimentos da favela. Para ver como é que o povo age a noite. [...] Não interfiro-me porque não gosto de polemica. [...]

A conversa não me interessava, mas eu fiquei (p. 67). [...] E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. [...]... A favela é o quarto das surpresas (p. 40). Eu já estou na favela há 11 anos e tenho nojo de presenciar estas cenas (JESUS p. 69)

15

Quando Carolina de Jesus ia ao centro de São Paulo, deixava claro que não se reconhecia como uma mulher da favela. “Nunca feri ninguém. Tenho muito senso! Não quero ter processos. O meu registro geral é 845.936” (JESUS, p. 16). Deste modo, Carolina define-se como cidadã, como se o número a tornasse parte de uma sociedade, que certamente não é a da favela. E, nesse contexto, surge a expressão que dá título ao diário:

[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (p. 28). Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando

estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, p. 33).

A personagem escrevia visivelmente sua expectativa em mudar de vida após sua conquista de publicar *Quarto de Despejo*, denunciando os fatos terríveis acontecidos na favela não se mantendo em surdina, denunciava o quanto sua identidade era indesejada, era inferiorizada, era classificada como uma pessoa que pertencia ao último degrau na escadaria da sociedade, isso porque sua cultura era arbitrária, colocava em risco a boa linhagem dos demais.

Não havia nada de valorativo, apenas a servidão, sua mão de obra e dos que estavam com ela nessa linhagem. Semelhante a isso, Tadeu da Silva, em sua obra *Identidade e diferença* (2000), afirma:

A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais (SILVA, 2000, p.14).

16

A autora consciente da sua posição social identifica na obra as situações vividas pelos negros no Brasil, os ataques violento à condição humana, os traumas psicológicos e sociais considerando se um objeto qualquer jogado no 'quarto de despejo', onde culpa o Estado por não assistir aos que vivem em situações miseráveis, automaticamente limitando se sendo constrangida, autocensura-se nas suas próprias atitudes e vontades, nos lugares em que a maiorias vezes evitam estar presente.

Ficando em grande evidência seus esforços nestas práticas realizadas com persistência em diversos momentos do dia e da noite o que chama bastante atenção de quem a observa, gerando até mesmo comentários como "Nunca vi uma preta gostar tanto de ler livros como você" (JESUS, p. 23).

Ela discorre que todos têm um ideal, sendo o dela o gosto por ler, que o livro é a melhor invenção do homem, e que ainda prefere escrever a discutir:

Quando questionada sobre o que escreve, responde: “Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana” (JESUS, p. 20). Ou ainda, quando enfrentada, desabafa e ameaça:

Vou escrever um livro referente à favela. Hei de citar tudo o que aqui se passa. E tudo o que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro e vocês com estas cenas desagradáveis me fornecem os argumentos, espero que os políticos estingue as favelas (JESUS, 1997, p 17,20).

Durante as longas madrugadas acordada Carolina aproveitava a falta de sono para escrever o ambiente peculiar vivido descrevendo situações que não são de uma sonoridade tão harmônica, o chão é sujo - há lama e esgoto as casas são feitas em madeira, não há água encanada, o chão cheio de fezes e de lixo as brigas, gritarias os xingamentos que ocorrem de noite, as longas tosses de tuberculose dos vizinhos.

Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga (JESUS, 2004, p.42).

Para caracterizar a favela Carolina usa o termo “lama podre”, “excrementos” e “pinga”. Já a cidade é caracterizada com os termos “perfume” e “flor”. Fazendo oposições e descrevendo os cenários distintos: favela e cidade em outras palavras passando ao seus leitores que habita em um ambiente de desarmonia o não-ideal e o ideal.” Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente” (JESUS, 2004, p.10).

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Achosublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas (JESUS, 2004, p. 76).

Um ambiente perigoso onde Carolina faz julgamento das condutas de determinados moradores, criticando os homens preguiçosos e violentos, e mulheres que trocam de homens como se troca de roupa, aos olhos de Carolina a cidade é descrita como um ambiente mágico, belo, o olhar visto pela escritora e de respeito de um olhar sempre bondoso ainda que maltratada e injustiçada por ser uma favelada catadora de papelão ela escreve acerca do caráter das pessoas, constantemente fala de suas vizinhas dizendo que tal vizinha é fofoqueira, outra é invejosa, estes sentimentos ruins parecem estar reservados para o ambiente da favela, onde tudo é violento e perigoso onde o comportamento de Carolina é posto de uma maneira diferente quando está na favela ela chega a discutir e a xingar algumas vizinhas, mas na cidade os xingamentos são apenas feitos em seus pensamentos “quando eu estou na cidade tenho a impressão que estou na Sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de seda” (JESUS, 2004, p.33).

Saí a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, várias pessoas saíam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou insultar-me: - vai catar papel minha tia? Olha o buraco, minha tia (JESUS, 2004, p.12)

Quando Carolina é intimada a comparecer na delegacia ela descreve o lado de estar na favela e o lado de viver na cidade ela consegue ver na autoridade do tenente uma ação bondosa e digna de admiração Fui na delegacia e falei com o tenente. “ Que homem amável! Se eu soubesse que ele era tão amável, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (JESUS, 2004, p.26).

Carolina dá a entender que não é apenas a polícia que está a seu lado lhe dando conselhos, mas também a lei que está ao seu favor, na favela isso não acontece, segundo Carolina a polícia quando lá entra, é para prender ou matar, na favela autora não vê as pessoas como amigos, geralmente descreve que poucos gostam dela, por não levarem uma vida promíscua onde sua vida é descrita e analisada e relatada nas páginas do

seu diário, como descreve muitos são excluídos do processo desenvolvimentista, e os escritos de Carolina é a única prova escrita produzida por um desses excluídos, o “Quarto de despejo” representa portanto a contradição histórica do modelo econômico no século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa *Quarto de despejo* destacou-se na literatura brasileira contemporânea devido seu olhar sobre as questões sociais e a luta de uma mulher favelada, buscando constantemente a sua sobrevivência e a dos seus filhos, relatando cenários com múltiplos espaços e possibilidades: à experiência da favela, as dificuldades básicas de alimentação e também nos revelando os seus desejos de realização e a busca por uma melhor qualidade de vida. Sua literatura problematiza os anseios de uma mulher pobre e negra, que se insere no projeto literário e artístico do século XX.

Carolina Maria de Jesus se destaca pela escrita das margens, trazendo novos elementos sobre a vida na favela, a busca por uma identidade singular que a impulsionava a escrever sobre a desestruturação dos laços familiares e comunitários, a violência, a fome, os processos de exclusão social que está na formação da favela.

No caso de Carolina de Jesus a leitura e o amor pela escrita foram os recursos escolhidos para transformar e lidar com sua dura realidade, construindo uma identidade em movimento de resistência à pobreza e aos diversos fatores opressores, sejam eles de gênero, de classe ou de raça, pois a autora não aceitava se casar e não queria ser submissa ao trabalho em casas de família, preferiu ser catadora de papel e ser livre.

Com o presente trabalho espero contribuir com os estudos literários relativos à escrita de Carolina Maria de Jesus, ampliando, assim, diálogos sobre o romance *Quarto de despejo*.

REFERÊNCIAS DA AUTORA

Antologia pessoal: Carolina Maria de Jesus. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves (Editora Paulo de Azevedo Ltda.) 1961.

Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Diário de Bitita. 2. ed. Sacramento (MG): Bertolucci, 2007.

Meu estranho diário. Organização de, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, Carolina. **Quarto de despejo.** São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina. **Minha Vida... Prólogo.** In. LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 172-189. **Pedaços da fome.** São Paulo: Áquila Ltda. 1963.

Provérbios. São Paulo: [s.n., 196-?]. **Onde está es felicidade?** Organização de Raffaella A. Fernandez e Maria Nilda da C. Mota. São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2014.

REFERÊNCIAS

COSTA, Eliane Silva. **Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo do Vale do Ribeira.** Tese de doutorado. Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando uma introdução a Antropologia Social.** Petrópolis: Rocco, 1987.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008
DAMATTA, Roberto. **Relativizando uma introdução a Antropologia Social.** Petrópolis: Rocco, 1987.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (org.). **Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013. RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas**. Tradução de Peter Rautmann, Caio Pereira, Daniel Martineschen e Sibebe Paulino. Curitiba: W. A. Editores, 2012.

HENRIQUES, R. **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro, Ipea, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11^a ed. Tradução Tomaz Tadeu daSilva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)**. Rio Janeiro: EdUERJ, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Paris, França: Presses Universitaires de France, 1968.

IBGE, IX Recenseamento Geral do Brasil-1980. **Censo demográfico, dados gerais - Migração, instrução, fecundidade, mortalidade**. Rio de Janeiro (Volume 1 -Tomo 4- Número18), Rio de Janeiro, IBGE, 1983.

21

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Acesso em: 17/05/2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio**. Revista USP, São Paulo (37): 82-91, Março/Maio 1998. Disponível em

<<http://www.usp.br/revistausp/37/08-josecarlos.pdf>. Acesso em: 15/08/2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura marginal”**: Os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de mestrado. Departamento de Antropologia social, Universidade de São Paulo, 2006.

POLESO, Natalia Borges. **Da margem: a mulher escritora e a história da literatura**. MÉTIS: história e cultura, v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010. Disponível em

<www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/998/1054>. Acesso em 15/08/2017.

RAVETTI, Graciela. **Performances escritas: o diáfano e o opaco da experiência.** In: HILDEBRANDO, A; NASCIMENTO, L.; ROJO, S. (Org.). **O corpo em performance.** Belo Horizonte: NELAP/FALE-UFMG, 2003. p. 31-61.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Produção literária feminina: um caso de literatura marginal.**

ANTARES, v. 6, n. 12, p. 183-195, jul./dez. 2014. Disponível em <www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/3059/1814>. Acesso em 15/08/2017.

Recebido em: 01/2021

Aprovado em: 02/2021

